

A EMERGÊNCIA DA COMPREENSÃO NA CONVERSA, *MOSTRADA* NO TRABALHO COLABORATIVO DE OTIMIZAÇÃO DE ENUNCIADOS

José Gaston Hilgert*

Resumo: No desenvolvimento de uma conversa, a compreensão que os interlocutores têm um do outro depende do grau de otimização de seus enunciados. Essa otimização resulta do trabalho de cada um, mas sempre determinada pela presença ativa do outro, já que a conversação é, em qualquer instância, uma ação conjunta. Há, no entanto, situações nas conversas em que o falante se depara com problemas de formulação, diante dos quais, de forma insinuada ou explícita, convoca a colaboração do interlocutor para dar configuração ótima a seu enunciado. Situações desse tipo são analisadas neste texto, com o objetivo de documentar, nessa ação conjunta específica, a emergência da compreensão. Na análise dos dados, dá-se particular evidência aos fatores que desencadeiam a intervenção do outro, à natureza sintático-semântica de sua colaboração e ao modo como ela é integrada na otimização em curso.

Palavras-chave: Ação conjunta. Configuração ótima. Compreensão.

INTRODUÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO¹

■ **O** presente artigo situa-se no âmbito dos estudos da língua portuguesa falada, na medida em que trata do processo de construção da compreensão em interações linguísticas face a face. Mais explicitamente, o estudo focaliza o trabalho conjunto realizado por interlocutores para construir, atestarem e assegurarem compreensão mútua de seus enunciados em conversas, movidos, obviamente, por seus propósitos comunicativos.

Uma conversa, enquanto objeto de análise linguístico-discursiva, registra diferentes recursos por meio dos quais os interlocutores se ocuparam, em alguma perspectiva, com a compreensão. Em geral, as conversas evoluem graças a uma

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado na Universidade de Freiburg e no Institut für Deutsche Sprache de Mannheim (Alemanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: gastonh@uol.com.br

¹ Este artigo é produto do projeto de pesquisa “A compreensão *mostrada* no desdobramento da conversação”, desenvolvido com apoio de bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq (2012-2015).

compreensão “silenciosa” (DEPPERMAN, 2008, p. 232). Muitas vezes, no entanto, os interlocutores, no decurso delas, fazem do ato de compreender um objeto de discurso, isto é, realizam, interativamente, atividades linguístico-discursivas *explicitamente* destinadas ora a assegurar, ora a confirmar, ratificar, mudar, questionar, negar, tematizar a compreensão (cf. DEPPERMAN; SCHMITT, 2008).

Os registros que documentam a compreensão numa conversa podem ser de expressão linguística, paralinguística, mímico-gestual, proxêmica. Nas interações informais do cotidiano, predomina, sabidamente, a expressão sincrética, isto é, a que se dá por confluência de duas ou mais expressões de naturezas diferentes. Ultimamente tem crescido o interesse pelo estudo das formas multimodais de os interlocutores construir sentidos e atestarem mútua compreensão (DEPPERMAN; SCHMITT, 2007; KRAFFT; DAUSENDSCHÖN-GAY, 2007; GÜLICH; COUPER-KUHLEN, 2007; MONDADA, 2011; SCHMITT, 2012; SCHMITT; KNÖBL, 2013). Este estudo, no entanto, em razão das características dos dados que vai analisar², mantém-se restrito ao enfoque da compreensão *linguística* ou *paralinguisticamente* mostrada, e restringe-se a uma situação específica recorrente nas conversas em que os interlocutores buscam dar “configuração ótima” (*optimal design*) a enunciados, “em ação conjunta” (*joint action*) e colaborativa (CLARK, 1996a, 1996b).

Vejam, a seguir, dois exemplos que documentam essa situação, inseridos numa curta passagem conversacional³:

(1)

F2 - e:: eu quis então testemunhar ... aquele período... NEgro... onde havia torturas... botei três jovens... testemunhas dessa sociedade... e desse tempo...

F1 - cada uma com a sua personalidade...

[

F2 - cada uma... cada Uma com a

[

F1 - com a sua história

[

F2 - tem a:: a boazi::nha a comportadi::nha que é a Lorena... tão... disciplinada... tão... tão limpi::nha... ((risos)) se lavando se escovando

[

F1 - tão correta

F2 - tão coRREta a palavra é essa Claudinei tão correta...

2 Os dados, com exceção dos focalizados neste tópico introdutório, foram extraídos de diálogos do Projeto Nurc/RS, documentados unicamente em sua manifestação verbal.

3 Trata-se de passagem de uma entrevista com a escritora Lygia Fagundes Telles para o Programa de TV *Jogo de Ideias*, do Instituto Itaú Cultural, São Paulo, feita pelo jornalista Claudiney Ferreira, acompanhado do escritor Marcelino Freire. A transcrição foi feita por Adalberto Bastos, aluno do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM. F1 identifica o entrevistador e F2, a entrevistada. A entrevista encontra-se disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MP8ok4gCWkw>>, acesso em: 23 fev. 2014.

	tem a subverSiva... que é loCOna... que é/é mais/m loCOna mas diri- Gida é... coraJOsa...
F1 -	[centrada centrada
F2 -	[centRAda palavra/olha ((risos)) como é bom falar com gente que... ((risos)) anh... meu cúmplice... olha meu cúmplice/centrada...

Fixemo-nos no primeiro segmento em destaque. Nele, F2 (a escritora entrevistada) relaciona as características de uma das três jovens, personagens de seu romance *As meninas*. A relação de atributos se mantém numa entonação *nivelada*⁴, típica da apresentação de uma lista de elementos não concluída, com um breve alongamento, em geral, da vogal da sílaba tônica das palavras (*a:: a boazi::nha a comportadi::nha [que é a Lorena...] tão... disciplina::da... tão... tão limpi::nha...*). E, na sequência, apresentam-se as ações por meio das quais se realizam esses atributos (*se lavando se escovando*), também expressas com a mesma entonação. O ouvinte atento à evolução do turno confere a essa caracterização entonacional, no contexto em que se encontra, dupla interpretação: de que outras ações seguirão e de que esse fato sinaliza que o falante está mesmo em busca de uma formulação que feche o turno. Movido por essa interpretação, F1 (o jornalista entrevistador) intervém no desdobramento do turno, propondo esse fechamento com a expressão “*tão correta*”. E a prova de que efetivamente a entrevistadora (F2) estava em busca de uma alternativa de formulação para concluir seu enunciado e de que a sugestão de F1 satisfaz inteiramente esse propósito está no fato de ela a aceitar prontamente e declarar com ênfase a sua adequação (*tão coRREta a palavra é essa Claudinei tão correta...*) para a otimização de seu enunciado.

O segundo segmento destacado na passagem conversacional evidencia desdobramento idêntico, dispensando-se, por isso, a sua análise para o momento. Ambos os exemplos revelam, numa primeira observação, duas características no processo de construção do enunciado da entrevistadora: em primeiro lugar, ela só atribuiu o grau de “configuração ótima” a seu enunciado ao considerá-lo concluído com a colaboração do entrevistador; em segundo lugar, a intervenção deste mostra que o processo de otimização resulta de uma “ação conjunta” explícita dos interlocutores. Ora, se considerarmos que, numa interação face a face, a busca da melhor formulação do enunciado do falante é condição pressuposta para assegurar ao ouvinte a compreensão desse enunciado; se, além disso, a otimização da formulação, em determinada situação e contexto, resulta da ação conjunta explícita e formal dos interlocutores, deve-se admitir que enunciados dessa ordem constituem registros que *mostram* a emergência interativa da compreensão. Compreender, portanto, certamente não é um fenômeno receptivo. É um processo, para cuja realização concorrem, na sequencialidade da

4 Do ponto de vista da altura entonacional, identifica-se a entonação *nivelada* na relação com as entonações *ascendente* e *descendente* (cf. MATEUS, 1983, p. 519-520). No caso de uma lista, a variação entonacional descendente sinaliza o fechamento da relação de elementos que a compõe. Mantendo-se a entonação *nivelada*, gera-se um efeito de incompletude.

interação, negociações entre os interlocutores, envolvendo ajudas mútuas e outros trabalhos interativos (DEPPERMAN, 2010, p. 13).

Serão objeto específico deste estudo, então, sequências interacionais em que um interlocutor B, atento à evolução do enunciado de seu interlocutor A, intervém em algum momento nessa enunciação – em geral para sugerir um termo na formulação –, e A volta a se pronunciar sobre essa intervenção, acolhendo-a ou não.

A breve análise do exemplo acima já sugere três aspectos – referentes a uma organização sequencial em três etapas – a serem observados nos desdobramentos interacionais em foco a seguir: 1. a intervenção de B no enunciado de A, considerada na perspectiva dos fatores que a desencadeiam; 2. a natureza da colaboração de B para o enunciado de A em construção; 3. a recepção e a integração dessa colaboração por A na otimização de seu enunciado⁵.

A investigação dessas etapas integralizadoras dos enunciados em estudo exige, antes, a exposição de alguns princípios da análise da conversação, especialmente os que fundamentam o estudo do “trabalho da compreensão”⁶ nas conversas. Nesse sentido, é necessário que se definam a natureza de “ação conjunta” (*joint action*) da conversação em diferentes instâncias de sua estruturação, incluindo a da construção da compreensão; e a noção de “configuração ótima” (*optimal design*) dos enunciados como fator de compreensão dos enunciados.

A CONVERSAÇÃO COMO AÇÃO CONJUNTA

Nas práticas sociais, o uso da linguagem – seja pela fala ou por escrito, seja com interlocutores próximos ou distantes entre si – é sempre uma instância de enunciação, que realiza a interação entre enunciadador e enunciatário. Diz-se que o sujeito da enunciação é o enunciadador que, na produção de seu discurso, se empenha num fazer persuasivo sobre o enunciatário, a quem cabe a interpretação (a compreensão) do enunciado. Na verdade, porém, o processo da enunciação é de natureza mais complexa, já que o enunciadador, na construção do enunciado é, em qualquer situação de uso da linguagem, determinado pelo enunciatário, o qual, por obra dessa determinação, torna-se *coenunciador*. “O enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciadador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige” (FIORIN, 2003, p. 163). O enunciadador leva em conta o enunciatário quando contempla na enunciação o que sabe ou supõe saber dele, baseado tanto em pressupostos culturais quanto em conhecimentos concretos e específicos que dele tem. Também o enunciatário realiza o seu fazer interpretativo orientado por um simulacro que constrói do enunciadador. A enunciação é, então, *coenunciação*, e, por isso, enunciadador e enunciatário constituem o sujeito da enunciação, assumindo ambos, nessa instância complexa, a autoria da construção dos sentidos.

À luz desse conceito de enunciação, redefine-se a natureza da compreensão e da interpretação do discurso. Não se trata mais de um fazer restrito ao enun-

5 No decurso deste tópico introdutório, falamos de otimização de “enunciados” e não de “turnos”. A razão disso está no fato de que o termo “otimização” implica a ideia de “conclusibilidade”, que é um traço definidor do enunciado (BAKHITIN, 2003, p. 280). Ora, nas conversas, um enunciado, na perspectiva de sua conclusibilidade, pode limitar-se a um único turno, mas, muitas vezes, ele se estende por dois ou mais. Ao se falar, então, em otimização de “enunciados”, atende-se a ambas as situações.

6 Por “trabalho da compreensão” (*Verständigungsarbeit*) entende-se toda atividade linguística ou de outra natureza atinente à emergência da compreensão na conversa (BREMER, 1997, p. 1).

ciatário, realizado separadamente da enunciação do enunciador. Este, ao levar em conta o enunciatário a quem se dirige, já inscreve na enunciação as condições da compreensão, os parâmetros da interpretação. A instância da compreensão é, então, inerente à da enunciação. E enunciador e enunciatário, por serem o sujeito da enunciação, constituem também o sujeito da compreensão.

Nessa perspectiva, compreende-se facilmente que qualquer produção discursiva é *ação conjunta* e, portanto, também a conversação. Esta, no entanto, é uma produção discursiva que, em relação às outras, apresenta características próprias, com base nas quais a noção de “ação conjunta” precisa ser especificada.

A conversação é uma interação em que falante (enunciador) e ouvinte (enunciatário) se encontram em situação face a face. Nessa condição de produção do discurso, o enunciador, ao levar em conta o enunciatário na enunciação, além de ser orientado por simulacros advindos de consensos culturais e saberes mais ou menos difusos sobre ele, é determinado por conhecimentos construídos no *aqui e agora* do desdobramento da enunciação. Na conversação, levar em conta o enunciatário implica o falante construir o seu enunciado, conduzido por sinalizações e intervenções do ouvinte, em situação face a face. É nessa perspectiva que a conversação constitui uma *ação conjunta* com características bem específicas. Trata-se, segundo Clark (1996a, p. 18), de “uma ação realizada por um conjunto de pessoas, agindo em coordenação umas com as outras”. Em síntese, na interação conversacional, as ações individuais do falante e do ouvinte não são ações autônomas, porém participativas, que, no desdobramento conversacional, se coordenam de forma a constituírem uma única *ação conjunta*.

A “CONFIGURAÇÃO ÓTIMA” DOS ENUNCIADOS

Numa conversa entre dois interlocutores **A** e **B**, ambos buscam ser compreendidos um pelo outro. Empenham-se, por isso, em dar “configuração ótima” a seus enunciados, sempre tendo em conta os conhecimentos que lhes são comuns e as condições pragmáticas em que a interação, como prática social, se desenrola. Por “configuração ótima” (*optimal design*), Clark (1996b, p. 328) entende que “[...] os falantes tentam configurar seus enunciados de maneira tal que têm bons motivos de acreditar em que os destinatários possam pronta e precisamente entender o que querem dizer com o enunciado no contexto de sua base comum (*common ground*)”.

Observemos este segmento conversacional:

(2)

DOC. o ensino mudou muito desde o tempo em que vocês estudaram ... e agora que vocês dão algumas aulinhas por aí? ...

L1 olhe como aluno inclusive eu acho que o ensino não não não mudou nada mas mudou o aluno

L2 é

L1 e nem o professor não ... mudou... deveria ter mudado mas não mudou

L2 eu acho que o:: professor mudou mudou pra pior ... né? (HILGERT, 2009, p. 81).

Os turnos de L1 e L2 caracterizam-se por uma formulação fluente, sem que no percurso de sua construção o falante realize algum especial trabalho verbal

de “melhoria” da formulação visando *otimizar* o enunciado e, por conseguinte, assegurar a ele as condições de compreensibilidade. Em outras palavras, a configuração ótima dos enunciados de ambos os interlocutores se realiza num único impulso enunciativo.

O mesmo já não se verifica neste próximo segmento, em que L1 e L2 continuam respondendo à mesma pergunta de DOC da passagem anterior:

(3)

L2 é eu acho que ... eu acho que a gente tinha ... a reforma devia de iniciar lá pelos maternas sabe? a primeira coisa era ensinar a criança a raciocinar ... deixar que a criança se virasse um pouco sabe? [quer dizer ... lançar um problema e deixar que eles resolvessem ...]

L1 ah

L2 isso é o que não acontece não acontece [...] (HILGERT, 2009, p. 85).

Consideremos somente o primeiro turno de L2. Nele fica evidente que o segmento destacado entre colchetes visa, de parte do falante, explicitar, por *autoiniciativa*, o sentido que atribui a sua afirmação imediatamente anterior de “deixar que a criança se virasse um pouco”. Com essa explicitação, antecipa-se ele a um possível problema de compreensão de seus interlocutores (L1 e DOC), que poderia levar um dos dois a intervir com perguntas do tipo “Como assim?”, “Que você quer dizer com *se virasse*?”. O segmento explicitador destacado visa à *otimização* do enunciado buscando assegurar-lhe a compreensão. Verifica-se, então, que esse turno de L2 não é otimizado num único impulso enunciativo. A sua *configuração ótima* exige, na percepção do falante, um segundo impulso, realizado por meio de uma retomada parafrástica em que ele especifica o sentido de “se virasse”. O “ah” de L1, na sequência, e o próprio fato de não terem colocado nenhuma restrição à formulação concluída atestam que os interlocutores compreenderam o enunciado.

Finalmente, neste quarto segmento, o processo de otimização do enunciado já mostra outra peculiaridade:

(4)

(T1) Doc. o senhor se considera pontual?... qual o atraso assim que o senhor considera

(T2) Inf. pontual em quê?

(T3) Doc. em encontros compromissos...

(T4) Inf. olha eu sou eu sou um cara que não tenho hora vocês já devem ter visto aí que:: pra falar comigo é um inferno né? (HILGERT, 1997, p. 67).

Nessa interação, o documentador conclui a sua pergunta, em T1, considerando-a, em sua percepção, adequadamente configurada para assegurar ao informante a compreensão e, portanto, as condições para uma pronta resposta. Na sequência, porém, verifica-se que essa compreensão não ocorreu, ao menos não plenamente, já que o informante, em T2, pede ao documentador que delimite a abrangência de seu enunciado (*pontual em quê?*). Denunciada, então, a imprecisão de seu enunciado inicial, o documentador, em T3, fornece a informação especificadora complementar (*em encontros compromissos*), fato que vai, então, viabilizar, no último turno (T4), a resposta à pergunta do documentador.

Observa-se nesse desdobramento interativo que a otimização do enunciado do documentador (T1) só vai acontecer em T3, por força da denúncia de um problema de compreensão do informante em T2. Trata-se de uma otimização realizada não por *autoiniciativa* do falante (Doc) mas por uma *heteroiniciativa*, ou seja, por ação do ouvinte (Inf).

Apresentamos neste item três segmentos conversacionais, nos quais destacamos processos distintos de otimização. No primeiro, a “configuração ótima” dos enunciados se realiza num único impulso de formulação, sem que nele se revelem reformulações ou outros procedimentos enunciativos complementares destinados a assegurar a compreensão. No segundo, o falante, em ação *prospectiva*, otimiza, por *autoiniciativa*, o seu enunciado, na medida em que, recorrendo a uma retomada parafrástica de uma das passagens, delimita o sentido de uma expressão, prevenindo, dessa forma, um possível problema de compreensão para o interlocutor. Por fim, o terceiro enunciado só chega à sua configuração ótima por ação *retrospectiva* do falante, desencadeada por denúncia de um problema de compreensão do ouvinte.

Se considerarmos esses três processos de otimização do ponto de vista da evidência dada à busca da compreensão, veremos que, no primeiro, ela se dá, como diz Deppermann (2008), de forma “silenciosa”. Não há procedimentos explícitos que mostrem o trabalho dos interlocutores com a compreensão. No segundo, o recurso à paráfrase revela, na construção do enunciado, um evidente propósito de prevenir um possível problema de compreensão. Por fim, no terceiro caso, o trabalho da compreensão se mostra no processo interativo de denúncia e solução de um problema de compreensão. Com a denúncia do problema, os interlocutores suspendem o desdobramento temático em curso e abrem uma sequência interativa secundária destinada a resolver o problema de compreensão. Chegados à solução, prosseguem a interação, voltando ao tema antes interrompido.

É nesse último processo que a busca interativa da compreensão e o consequente trabalho interativo de otimização dos enunciados mais se evidenciam numa conversa. Nesses casos, a compreensão se torna objeto de discurso, na medida em que os interlocutores dela tratam explicitamente numa parte do desdobramento conversacional.

É na esteira desse enfoque interativo da construção da compreensão que, na sequência, trataremos da otimização interativa de enunciados, não desencadeada, porém, por reação a problemas de compreensão, mas sim por fatores que ensejam a intervenção colaborativa de um interlocutor no trabalho de otimização do enunciado do outro. A compreensão desse enunciado emerge então dessa ação colaborativa explícita, fato que constitui mais um documento a mostrar formalmente que a construção da compreensão é ação conjunta dos interlocutores.

A AÇÃO COLABORATIVA DOS INTERLOCUTORES NA OTIMIZAÇÃO CONJUNTA DE ENUNCIADOS

Analisaremos, nas passagens conversacionais a seguir, preponderantemente as intervenções de B nos enunciados de A, observando, com mais atenção, os fatores que desencadeiam as intervenções. Sobre a natureza da colaboração de

B e o modo de sua recepção por A para a otimização de seu enunciado, somente faremos considerações resumidas ao final do texto.

Quanto aos segmentos conversacionais a serem analisados, todos foram extraídos de Hilgert (2009), obra que divulga “diálogos entre dois informantes” do Projeto Nurc/RS. É evidente que, para os fins deste texto, só foram contemplados alguns poucos exemplos que pudessem oferecer uma amostra mínima das variações de nosso objeto de análise.

E, por fim, antes de iniciar a análise, teremos de definir brevemente a noção de *colaboração*, já que qualificamos a *ação conjunta* dos interlocutores na construção dos enunciados de *colaborativa*.

Colaboração e cooperação

Uma característica geral das construções interativas em foco neste estudo é o fato de resultarem de uma disposição explicitamente *colaborativa* dos interlocutores. No âmbito dos estudos conversacionais, a noção de *colaboração* se define em relação à de *cooperação*. A cooperação é condição constitutiva de uma conversa. Ela é um “requisito de necessidade lógica para que se constituam ações coordenadas”, enquanto que “a colaboração é um traço qualitativo” delas (MARCUSCHI, 1987, p. 18). E, no dizer de Kerbrat-Orecchioni (1992, p. 152-153),

[...] *desde que entramos em interação e se nela quisermos permanecer, não podemos não cooperar. A cooperação é a condição por excelência da possibilidade e da sobrevida da interação. A recusa de cooperação é para os interlocutores, enquanto tais, um ato suicida.*

A conversa colaborativa é, então, um evento cooperativo marcado, que, no caso deste estudo, se caracteriza notadamente pela ação convergente de ambos os interlocutores na otimização de enunciados. Nesse sentido, B, quando intervém no enunciado de A, revela sintonia com o desenvolvimento do tópico conversacional em curso, atenção ao desdobramento sintático-semântico do turno de A e evidente postura participativa na otimização do enunciado deste; A, por sua vez, quando convoca, orienta e acolhe a intervenção de B, igualmente se dispõe a um trabalho conjunto na construção de enunciados.

Fatores que desencadeiam intervenções em enunciados em construção

Observando e comparando detidamente dados de nosso *corpus*, evidencia-se logo uma dupla classificação das construções interativas em foco. Por um lado, identificam-se aquelas em que a intervenção de B ocorre por exclusiva iniciativa dele, isto é, sem que no enunciado de A ocorra algum fator verificável que, de alguma forma, possa ser interpretado como desencadeador dessa intervenção; por outro, há os casos em que essa intervenção ocorre por razões evidentes no enunciado de A. Denominamos as intervenções do primeiro tipo de *autoiniciadas*, por serem realizadas por quem intervém e por iniciativa dele; as dos segundo tipo chamamos de *heteroiniciadas*, pois são realizadas por quem intervém, mas provocadas por características do enunciado a que se destinam.

Intervenções autoiniciadas

Analisemos estes três segmentos:

(5)

DOC. [...] se o Antônio Carlos me permite colocar ele coloca e o que me parece MUITO importante na colocação dele é o seguinte... é de que existe um mecanismo...

	existe um arcabouço social ... de TAL forma
	[
L2	completamente fechado

L1 estratificado... de tal forma...

[

L2 ()

L1 que impede... que a Massa... [...] entende?

Em (5), L2 intervém no enunciado de DOC com a expressão “completamente fechado”, em fala sobreposta à do documentador (*de TAL forma*). Poder-se-ia alegar que foi a pausa depois de “social”, no turno de DOC, que levou L2 a intervir. Trata-se, contudo, de uma pausa extremamente curta (pausa de respiração), que não caracteriza interrupção na fluência da fala. Não há, portanto, um fator aparente no desdobramento da formulação de DOC que tenha desencadeado a intervenção de L2. Este interveio por iniciativa própria, e com sua colaboração deu perfeita continuidade sintático-semântica ao enunciado em construção (*existe um arcabouço social ... completamente fechado...*). Por meio desse encaixamento sintático-semântico preciso, L2, além de revelar atenção centrada na evolução da fala de DOC, atesta também compreensão do enunciado em desenvolvimento.

(6)

L1 não ... não acei:: to a distinção ... entre país desenvolvido e país subdesenvolvido ... o que eu acho é o

	seguinte ... existem...p/
	[
L2	países explorados e países exploradores ((risos))

L1 é verdade ((risos)) tranquilo... mas [...] (p. 26-27).

Em (6), L2 intervém no curso do enunciado de seu interlocutor também num instante de sobreposição. L1, dando continuidade sintática ao período (*o que eu acho é o seguinte ... existem ... p/*), chega a pronunciar o fonema inicial (p/) de uma palavra (supostamente *países*) quando, simultaneamente, L2 entra, com

pleno encaixamento sintático-semântico, com sua colaboração (*países explorados e países exploradores*). L1, que suspendeu o seu turno para a intervenção de L2, aceita explicitamente a complementação deste, ao dizer, em seu turno final, “é verdade”. Mais uma vez, o encaixamento sintático-semântico da fala de L2 na construção do enunciado de L1 mostra a atenção de L2 ao desenvolvimento dessa construção e atesta sua compreensão não somente do segmento imediatamente anterior aqui transcrito, mas de todo o turno de que este faz parte.

(7)

DOC. Bom ... e vocês acham que o vestibular unificado avalia melhor os alunos? ((risos))

L2 eu acho que ... ((risos)) pro computador sim entende? ... dá menos trabalho de corrigir provas ... bitola mais o aluno ... restringe sua capacidade criativa é uma beleza ...

L1	não eu acho o vestibular unificado
L2	a maior bolação
	[
L1	espetacular... não eu acho realmente que é uma medida extraordinária (p.32)

Em (7), na passagem demarcada, chama a atenção, na intervenção de L2 (*a maior bolação*) no turno de L1, a perfeita sequência à introdução deste (*não eu acho o vestibular unificado*), sem nenhum instante de sobreposição. Trata-se de um enunciado construído conjuntamente pelos dois interlocutores num impulso enunciativo plenamente sincronizado. Conclui-se o desdobramento interativo com o turno final, em que L1 avalia positivamente a intervenção de L2 (*a maior bolação*), reiterando esta qualificação positiva do “vestibular unificado” por meio de uma dupla retomada parafrástica, quando o considera “espetacular” e “uma medida extraordinária”.

Em síntese, a análise desses três segmentos mostrou que há intervenções de um interlocutor no enunciado do outro que não são desencadeadas por fatores inerentes a este último. O interlocutor que oferece a sua colaboração o faz por iniciativa própria – por isso falamos em intervenções autoiniciadas –, sem apelo de outra instância que não o acompanhamento atento do enunciado em construção. Resulta dessa atenção centrada que o segmento de colaboração se encaixa perfeitamente na estrutura sintático-semântica desse enunciado, fato que atesta estar B acompanhando a emergência dos sentidos e da compreensão deles na evolução da fala de A.

Intervenções heteroiniciadas

Analisemos os próximos seis segmentos, que contêm enunciados todos marcados por intervenções heteroiniciadas. Os três primeiros, no entanto, apresentam características distintas dos três últimos, como veremos.

(8)

L1 pra mulher também sapato bom do Uruguai não sai de moda ()

L2 gabardine

L1 gabardine

L2 gabardine eu comprei eu comprei a minha lá:: ... uma beleza ... ahn casaco de pele aqueles de::

L1 camurça (antílope)

L2 forrados de:: forrados ahn

L1 pêlo de carneiro

L2 pêlo todo pêlo de carneiro eu comprei lá paguei ...quatrocentos cruzeiros ... baratíssimo (p.117)

Em (8), os interlocutores falam sobre produtos que vale a pena comprar no Uruguai, dentre os quais estão fazendo referência a gabardines. No primeiro turno do quadro em destaque, L2 produz um enunciado fortemente marcado por repetições (*eu comprei eu comprei*), alongamentos (*lá::, de::*), pausas, expressões paralinguísticas (*ahn*), todos responsáveis por um certo raleamento da densidade sintática do enunciado e pela consequente produção de um efeito de hesitação na caracterização de um mencionado casaco de pele (*ahn casaco de pele aqueles de::*). Esse processo de raleamento culmina com o alongamento final da preposição “de::” e com a manutenção nivelada da entonação, sinalizando incompletude do enunciado. L1 interpreta todo esse processo, particularmente o seu final, como uma solicitação implícita de colaboração, que ele oferece ao dizer “camurça”. L2, no entanto, não acolhe a sugestão do interlocutor e prossegue com nova pista (*forrados de:: forrados ahn*) na busca de uma denominação específica. Mais uma vez L1, movido pela repetição, o alongamento (*de::*) e a forma paralinguística (*ahn*), intervêm com a formulação “pelo de carneiro”. Era o termo esperado por L2, que acolhe a sugestão, repetindo-a em seu turno final. Como se vê, o processo de otimização do enunciado resulta da ação conjunta dos interlocutores, na qual a postura colaborativa de L1 foi essencial para a emergência da compreensão entre eles.

(9)

DOC. vocês disseram que a nossa moda sofre influência estrangeira () como vocês justificariam essa influência? ...

L1 bom ... isso é normal ... tudo aquilo que se consome que se vê ... tem uma uma:: ... uma uma ...

L2 uma origem

[

L1 uma origem euro/ eu não vou dizer europeia eh estrangeira ... sempre de países ou de regiões e zonas mais desenvolvidas (p. 165)

Em 9, o raleamento do primeiro turno de L1 verifica-se desde o início, com uma sucessão de pausas, e até mesmo pela repetição de estruturas sintáticas (*que se consome que se vê*). Mas, ao final, a repetição do artigo indefinido “uma” (quatro vezes), acentuada por alongamento e pausas, é um claro sinal para L2 intervir. E ele o faz sugerindo “uma origem”. L1, mesmo antes de L2 concluir a expressão, intervém, acolhendo-a como sendo a formulação própria para a otimização do enunciado.

(10)

L2 eu começo de trás pra diante ((risos)) eu leio a última página leio a página econômica ... dou uma olhadinha na página social uma olhadinha na policial ((risos)) depois leio

L1 o necrológio ((risos))

L2 os convites pra enterro são olhados também ((risos)) eu leio de trás pra diante

Em (10), L2 vem explicando como lê o jornal. Nessa explicação, menciona uma lista de ações (*eu leio a última página a página econômica ... dou uma olhadinha na página social uma olhadinha na policial depois leio*) e, ao final, mantém a entonação nivelada, produzindo com isso a interpretação de uma lista em aberto, que leva L1 a complementá-la com “o necrológio”. A intervenção é aceita por L2, que a retoma em formulação parafrástica estendida (*os convites pra enterro são olhados também*).

Se nos segmentos (8), (9) e (10) havia um apelo *implícito* de A para B intervir em seu enunciado, constataremos, nestes próximos três, um apelo *explícito* nesse sentido.

(11)

L2 [...] a gurizada começou a ... insatisfeita tá acostumada em casa com fatura e:: não tem isso a mãe corre e traz aquilo entende? ... então eu pedi eles começaram a substituir ou... a escolha chá ... o tê

como eles chamam ... ou o café preto... e:: o pão... era o mu-mu deles lá ... **aquele ... leite como é::?...** tipo mu-mu ... como é? leite?

L1 doce de leite

L2 doce de leite ou chimia né? ... (p. 63)

Em (11), L2 está se referindo a mudanças na alimentação que teve de pedir a um hotel em que estavam hospedados alunos de uma excursão pela qual ele era responsável. Na medida em que vai mencionando pedidos e substituições, chega a um momento em que não lhe ocorre a denominação de um certo produto de leite. Solicita então, explicitamente, colaboração a seu interlocutor (*aquele ... leite como é::?*), além de insinuar pedidos de ajuda por recursos similares aos já comentados nos três exemplos anteriores. L1, na sequência, responde ao pedido de seu interlocutor, identificando o produto: “doce de leite”. Correta a resposta,

com ela L2 fecha o enunciado repetindo-a e acrescentando um sinônimo (*chímia*), termo de uso corrente no Rio Grande do Sul.

(12)

[Os interlocutores falam de casacos comprados no Uruguai.]

L2 [...] eu comprei lá paguei ... quatrocentos cruzeiros ... baratíssimo eu achei

comprei um de:: ... **como é o nome daquele bicho?** ... um que uma pelezinha toda toda toda ela é crespinha

L1 carapinha eles chamam

L2 nã/ eu não sei como é que é eu não sei ... com gola e a barra de vison paguei seiscentos cruzeiros

(p. 117)

Em (12), repete-se, no enunciado de L2, a caracterização apresentada no exemplo anterior. L2 dirige-se diretamente a L1 solicitando-lhe o nome do bicho a cuja pele está-se referindo. Mantém também no enunciado os demais recursos, principalmente a repetição (*toda toda toda*), para insinuar pedido de ajuda. À pergunta de L2 (*como é o nome do bicho?*), L1 responde “carapinha eles chamam”, atribuindo o termo a um uso genérico (*eles chamam*). A resposta, no entanto, não é validada como correta por L2, e o enunciado não se fecha. L2 admite, na sequência, que não sabe o nome do bicho e depois de mais algumas especificações diz o preço que pagou e encerra o enunciado com entonação descendente, desconsiderando a relevância da denominação anteriormente buscada.

(13)

L1 bom eu não posso descrever assim eu não tenho muita habilidade pra descrever paisagem o senhor quem sabe?

[

L2 é meio difícil mas o tipo de vegetação que tem lá o que que é? muito pinheiro ... árvore né? pinheiros e muito daquele **como é que se chama aquilo?** ... se parece com pinheiro formato de pinheiro ...

L1 o formato dos pinheiros?

L2 não é uma árvore ... é todo () pela umidade naquela zona de Gramado é o pinheiro (e) **essa árvore que se chama::** ... ora bolas ... bom não vem ao caso é uma árvore cipreste cipreste

DOC. ()

L1 cipreste

L2 cipreste muito cipreste muitas flores também todo mundo (p. 266)

Em (13), no primeiro turno de L2, mais uma vez o pedido explícito de ajuda se destaca (*como é que se chama aquilo?*). Ao contrário dos dois exemplos anteriores, L1 não lhe presta a colaboração pronta e definida. Retorna a L2 com uma pergunta de quem está pensando e perguntando a si mesmo (*o formato dos pinheiros?*). Esse procedimento leva L2 a retomar o enunciado de seu turno anterior com reformulações e acréscimos, insistindo no apelo de ajuda explícito (*essa árvore que se chama:: ... ora bolas*). Enfim, já desistindo da busca da denominação (*bom não vem ao caso é uma árvore*), lhe ocorre o nome (*cipreste cipreste*). L1 ratifica o nome (*cipreste*) e L2 o reconfirma na conclusão do enunciado (*cipreste muito cipreste*).

Dos seis casos descritos, nos primeiros três – (8), (9) e (10) –, a intervenção heteroiniciada é desencadeada por apelo implícito. B se vê impelido a intervir, na medida em que A vai construindo um enunciado com uma estrutura sintática pouco compacta, isto é, marcada por interrupções, pausas, repetições de diferentes dimensões, acrescidas de alongamentos de vogais, de formas paralinguísticas e, não raro, de uma entonação nivelada que sinaliza um enunciado aberto para continuação ou conclusão. Todo esse processo aponta, em geral, para o que Blanche-Benveniste (1990, p. 25) chama de “trabalho de denominação”, que evidentemente se destina à otimização do enunciado de A. Já nos três últimos casos – (11), (12) e (13) –, B se vê explicitamente convocado a intervir, quando A lhe dirige perguntas do tipo “como é?”, “como é o nome?”, “como se chama?”. Como a análise mostrou, esses pedidos explícitos de ajuda costumam aparecer no contexto de um enunciado marcado por uma estrutura sintática rala, de acordo com as características que anteriormente relacionamos. Geralmente o apelo explícito coroa uma sequência de manifestações de raleamento. No entanto, quando a resposta de B não vem pronta e imediata, outras dessas manifestações podem suceder até que este se pronuncie.

Deve-se registrar também que, no âmbito do “trabalho de denominação”, muitas das manifestações de A nesse processo já tendem a dar pistas ao interlocutor sobre a denominação desejada. Ou seja, em favor de seu próprio interesse, A se mostra empenhado numa “aproximação lexical”, no dizer de Roubaud (apud BLANCHE-BENVENISTE, 1990, p. 27), conforme se pode verificar em quase todos os últimos seis segmentos analisados. À guisa de exemplo, constatamos essa instância em (11) (*era o **mu-mu deles** lá ... aquele ... leite como é::?... **tipo mu-mu** ... como é?*) e em (13) (*e muito daquele como é que se chama aquilo? ... **se parece com pinheiro formato de pinheiro** ...*). A referência a “mumu deles [...] tipo mumu” do primeiro exemplo, e a passagem “se parece com pinheiro formato de pinheiro” do segundo atestam a “aproximação lexical” e constituem evidentes pistas para B intervir com uma colaboração possivelmente precisa.

Feitas essas considerações, cabe enfatizar que tanto a colaboração de B para levar a bom termo o trabalho de A na busca da denominação desejada quanto o empenho deste em proporcionar uma aproximação a ela evidenciam, na conversa, a ação conjunta e colaborativa dos interlocutores na otimização dos enunciados. E sendo a otimização condição para a compreensão, é dessa ação conjunta que vai, em última instância, emergir a compreensão nas interações.

Para fechar este estudo, cabem ainda duas observações. A primeira é referente à caracterização sintático-semântica do segmento colaborativo de B. Em todas as ocorrências analisadas, ele se insere no contexto sintático do enunciado interrompido, dando a ele fluente continuidade a partir da ruptura. Mencio-

namos esse fato, quando, nas análises, nos referimos ao perfeito encaixamento sintático-semântico das sugestões de B no enunciado de A. E atribuímos essa sincronização à confluência de ambos os interlocutores no acompanhamento da emergência dos sentidos e, conseqüentemente, da compreensão do enunciado. No que tange especificamente à natureza semântica das intervenções, ela se define por força do que A deseja e precisa para otimizar o seu enunciado. Nesse sentido, os segmentos da intervenção heteroiniciada se identificam por sua relação com o trabalho de denominação. Decorre disso, então, que, do ponto de vista semântico, as colaborações são unidades lexicais destinadas a denominar “coisas” de que o enunciado trata. Quando a intervenção é autoiniciada, foge-se desse parâmetro. Embora ela tenda a ter um núcleo nominal de natureza substantiva, esse nome não costuma responder a uma necessidade de denominação, como revelam as passagens interacionais (6) e (7). Em (5), a colaboração se realiza até por meio de um sintagma cujo núcleo é um adjetivo (*completamente fechada*). Em síntese, poderíamos admitir que nas intervenções heteroiniciadas ocorre uma certa especialização da natureza semântica do elemento inserido, ao passo que, nas autoiniciadas essa natureza não é definida.

A segunda observação é atinente a acolhimento que A dá à colaboração de B. Predomina, nas análises feitas – que é também a percepção que se tem da absoluta maioria das ocorrências do *corpus* –, a recepção por repetição ou por paráfrase da formulação proposta por B. Em (6) há uma variação nesse sentido. A aceitação da colaboração é sinalizada pela expressão “é verdade”. Eventualmente pode ocorrer que A não aceite sugestão de B, conforme se registra em (12). Esse fato pode levar à otimização do enunciado, sem que tenha sido concluído o trabalho de denominação, o que aponta para uma certa irrelevância do nome em questão para a eficácia da interação em curso; ou, então, pode ele levar a um desdobramento subsequente da interação até que a denominação ocorra e, então, o enunciado se conclua, como revela a passagem (13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produto de um projeto que investiga a emergência da compreensão nas interações face a face e, portanto, descreve e analisa formas de como a compreensão é documentada em conversas em língua portuguesa, o presente artigo registra o estudo de um fato recorrente nas conversas em que os interlocutores, em ação convergente de natureza colaborativa, buscam a otimização de enunciados. É princípio fundamental de qualquer conversa que cada interlocutor se empenhe com os recursos de que dispõe, linguísticos ou outros, para ser compreendido pelo outro. Para tanto, ele busca a “configuração ótima” de seu enunciado. Há situações, porém, em que um interlocutor A depara-se, na evolução de seu turno, com problemas nesse processo de otimização, sinalizados por diferentes marcas na formulação do enunciado. Essas marcas ensejam a intervenção do interlocutor B com o objetivo de levar a bom termo o enunciado de A. Tratamos dessas situações em conversas, nas quais focalizamos, preponderantemente, os fatores do enunciado de A que desencadeiam as intervenções de B. Evidenciou-se no estudo que os apelos à intervenção de B podem ser implícitos e explícitos. No primeiro caso, B interpreta uma série de ocorrências no enunciado de A, especialmente manifestações de raleamento sintático do enunciado, associadas a particularidades prosódicas, como “pedidos de ajuda”. No outro caso, A

convoca explicitamente seu interlocutor a colaborar na otimização do enunciado, geralmente no contexto de um “trabalho de denominação”. Aceitas as intervenções, dá-se andamento à otimização do enunciado. A importância deste trabalho está, especialmente, no fato de ele evidenciar fatores e mecanismos das interações, que movem os interlocutores à otimização conjunta e colaborativa de enunciados, no processo de construção da compreensão nas conversas.

THE EMERGENCE OF COMPREHENSION IN CONVERSATION REVEALED IN THE COLLABORATIVE WORK TOWARD THE OPTIMIZATION OF UTTERANCES

Abstract: *In ongoing conversation, comprehension depends on the degree of optimization of the utterances used in interaction. Such an optimization is the result of each of the speakers' work always determined by the active presence of 'the other', since conversation is in itself a joint action. Nonetheless, there are situations in conversation in which a speaker faces problems in formulating an utterance. In several of these situations the speaker recruits, implicit or explicitly, the interlocutor's collaboration toward an optimal design of the utterance. We analyze the forementioned situations in this paper, whose aim is documenting the emergence of comprehension in this specific kind of joint actions. The analysis gives special attention to the factors that unleash the intervention of 'the other'; it also focuses on the syntactic-semantic nature of their collaboration and on the manner how such a collaboration is integrated to the optimization process.*

Keywords: *Joint action. Optimal design. Comprehension.*

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. *Le français parlé: études gramaticales*. Paris: CNRS, 1990.
- BREMER, K. *Verständigungsarbeit: Problembearbeitung und Gesprächsverlauf zwischen Sprechern verschiedener Muttersprachen*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 1997.
- CLARK, H. H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996a.
- CLARK, H. H. Communities, commonalities, and communication. In: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (Ed.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996b. p. 324-353.
- DEPPERMANN, A. Verstehen im Gespräch. In: KÄMPER, H.; EICHINGER, L. M. *Sprache, Kognition, Kultur*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2008. p. 225-261.
- DEPPERMANN, A. Zur Einführung: 'Verstehen in professionellen Handlungsfeldern' als Gegenstand einer ethnographischen Konversationsanalyse. In: DEPPERMANN, A. et al. *Verstehen in professionellen Handlungsfeldern*. Tübingen: Gunter Narr, 2010. p. 7-25.
- DEPPERMANN, A.; SCHMITT, R. Koodination. Zur Begründung eines neuen Forschungsgegenstandes. In: SCHMITT, R. (Org.). *Koordination: analysen zur multimodalen Interaktion*. Tübingen: Gunter Narr, 2007. p. 15-54.

DEPPERMAN, A.; SCHMITT, R. Verstehensdokumentation: Zur Phänomenologie von Verstehen in der Interaktion. *Deutsche Sprache*, v. 3, n. 8, p. 220-245, 2008.

FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185.

GÜLICH, E.; COUPER-KUHLEN, E. Zur Entwicklung einer Differenzierung von Angstformen im Interaktionsverlauf: Verfahren der szenischen Darstellung. In: SCHMITT, R. (Org.). *Koordination: analysen zur multimodalen Interaktion*. Tübingen: Gunter Narr, 2007. p. 293-337.

HILGERT, J. G. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para o seu estudo. Diálogos entre informante e documentador*. Porto Alegre: UFRGS; Passo Fundo: UPF, 1997.

HILGERT, J. G. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para o seu estudo. Diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin, 1992. t. II.

KRAFFT, U.; DAUSENDSCHÖN-GAY, U. Prozesse interpersoneller Koordination. In: SCHMITT, R. (Org.). *Koordination: analysen zur multimodalen Interaktion*. Tübingen: Gunter Narr, 2007. p. 167-194.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CONGRESSO DE ROMANÍSTICA. Freiburg, 1987.

MATEUS, M. H. M. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Lisboa, 1983.

MONDADA, L. Understanding as an embodied, situated and sequential achievement in interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 43, p. 542-552, 2011.

SCHMITT, R. Zur Multimodalität von Unterstützungsinteraktion. p. 343-371. Disponível em: <<http://www.DSdigital.de/DS>>. Acesso em: abr. 2012.

SCHMITT, R.; KNÖBL, R. Recipient design aus multimodaler Sicht. p. 242-276. Disponível em: <<http://www.DSdigital.de/DS>>. Acesso em: mar. 2013.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.